

aulão **SAMIA MARSILI**

DESLIGUE A TELEVISÃO

transcrição



Aulão Desligue a Televisão

Samia Marsili

Eu falo bastante sobre “desligue a TV”. Na verdade, antes de eu casar, a gente já não queria ter televisão em casa. Eu até ganhei uma televisão da minha sogra, pequenininha. Nem deve vender mais. Mas a gente nunca teve nem TV a cabo ligada, nem nada. Confesso a vocês que, quando o meu mais velho era pequeno, eu cheguei a colocar ele para assistir Baby Einstein, e chegou a assistir um DVD do Toquinho, que era O Mundo da Criança. Ele chegou a assistir essas duas coisas. Era o início da Galinha Pintadinha. Ele chegou a assistir alguma coisa disso.

Mas eu já sabia que eu não queria que ele assistisse televisão aberta, não queria que ele assistisse com muita frequência as coisas, mas ainda tinha na minha cabeça uma coisa do que a gente vai falar aqui, que é um pouco: “Será que não é bom a criança ter algum tipo de estímulo?”. Naquela época, e ainda nós escutamos falar sobre isso hoje, que as crianças que escutam Mozart são crianças que vão ter uma inteligência maior e tal.

Eu nunca tinha parado com tanta clareza para pensar sobre isso. Só que, como isso já era uma prática na nossa casa, da gente não assistir televisão, então a gente acabou passando isso para o nosso mais velho. Já o meu segundo filho ainda não teve contato nenhum.

Eu queria primeiro colocar aqui umas perguntas para vocês, que podem nortear um pouco as coisas que nós vamos falar aqui. Nós podemos nos perguntar: por que a gente deixa os nossos filhos assistirem TV e terem acesso às telas? Quando eu falo assistir TV, não estou só falando de televisão aberta. Estou falando de DVD, TV a cabo, qualquer coisa que passe em imagens, tipo filme, para as crianças. Acesso à tela seria computador, tablet, vídeo game, todas essas coisas.

Por que nós deixamos os nossos filhos assistirem a televisão e as telas em geral? Por que a gente sente essa necessidade dos nossos filhos estarem constantemente distraídos? Muitas vezes, nós acabamos colocando a televisão para os nossos filhos porque ou a gente está cansada, ou às vezes eles estão agitados demais e estamos com dor de cabeça, com alguma coisa. E nós resolvemos colocar um filme para as crianças assistirem. Ou, então, porque nós precisamos fazer comida, e daí falamos: “É tão perigoso que ele fique perto de mim aqui fazendo a comida. Então, vou colocar uma tela para ele assistir”.

Há muitos motivos pelos quais nós acabamos colocando os nossos filhos para assistirem, terem acesso a essas tecnologias. Por que os nossos filhos acabam reclamando que não tem nada para fazer? Muitas vezes, é isso: as crianças ficam: “Não tem nada para fazer mãe. Estou entediado. O que eu posso fazer agora? Do que eu posso brincar?”. E nós acabamos, depois de tanto tempo, cedendo as telas.

Por que será que constantemente os nossos filhos precisam desses motivos externos, desses estímulos externos para poderem estar fazendo as coisas? Por que eles têm que estar toda hora: “Mas o que eu faço agora? O que eu posso fazer? Do que eu posso brincar? O que a gente pode assistir?”? Essas são algumas perguntas que eu vou tentar responder aqui para vocês, e algumas outras que vão surgindo ao longo da aula.

Eu queria falar um pouquinho sobre uma parte do desenvolvimento infantil, que vai nos ajudar a entender conceitos importantes para mostrar porque nós não devemos expor os nossos filhos a telas constantemente. Primeiro, é que se nós olhamos para um bebê, nós vemos que as crianças nascem encantadas e admiradas com a realidade.

As crianças acabam não vendo o mundo de forma habitual, rotineiro, banal, como nós vemos. Elas olham o mundo encantadas, admiradas com a realidade que está diante dos olhos delas. E isso acontece muito por conta da imaturidade de uma faculdade humana que elas têm. Eu vou falar, na verdade, de várias. Mas eu vou falar aqui especialmente da faculdade da razão.

A faculdade da razão é a faculdade responsável pela nossa capacidade de calcular as coisas que nós colocamos para dentro do nosso ambiente interior. Eu vou mostrar um pouco de como ela se desenvolve ao longo da nossa vida; não só quando nós somos criança, mas à medida que nós vamos crescendo, sendo adultos, até o final da nossa vida.

A primeira coisa que a faculdade da razão faz é calcular o contorno do mundo. Quando uma criancinha nasce, ela vê o mundo todo como uma coisa só. E, aos poucos, ela vai conseguindo fazer com que cada uma dessas coisas que são borrões, se transforme em várias unidades. Então, essas coisas passam a, de fato, ter um contorno.

Quando elas são muito pequenininhas, e nós sabemos que a partir de um mês elas passam a ter um sorriso, com dois meses elas passam a ter um sorriso habitual, nós conseguimos perceber que nós, quando chegamos perto de um bebê de dois meses, mais ou menos, e ela consegue atingir o nosso olhar, é como se ela conseguisse, de fato, ao olhar para nós, contornar que ali tem uma coisa diferente do resto que ela está vendo; que agora não é tudo mais um borrão: “Agora eu consigo ver um rosto humano, que se destaca perante o resto. Eu vejo uma unidade em relação ao resto”. E ela abre um sorriso.

Essa é a primeira forma da faculdade da razão, que ela está começando a tomar, que ela está conseguindo ver o contorno do mundo. À medida que a criança vai crescendo, ela vai criando a capacidade de encontrar, de captar a essência das coisas, que é uma capacidade que nós adultos temos. O que significa isso?

Cada uma das coisas tem uma essência, um conceito. O particular, que são cada uma das coisas, por exemplo. Vou dar o exemplo de um cachorro. Nós vemos vários cachorros. Então, são vários entes particulares, tem a sua unidade. E aí nós conseguimos olhar para um cachorro e apreender dali e extrair o seu conceito universal.

O que significa isso? Significa que eu não preciso ver todos os cachorros que existem no mundo para entender o que é um cachorro. Eu consigo ver dois, três cachorros, e, a partir dali, já perceber o que é no cachorro. Só que uma criança muito pequena não tem essa capacidade ainda desenvolvida, porque a faculdade da razão dela está se desenvolvendo.

O que acontece? Ela vai olhar um cachorro, e não vai conseguir extrair dele o seu conceito, sua universalidade: “Aquilo ali é um cachorro, que será sempre assim. É um cachorro”. Todos os seres que imprimem ali, que eu tiro dali a essência tal como é a de um cachorro, vão ser cachorros. O que acontece é que uma criança pequeninha não consegue fazer isso.

Olha que impressionante. Já vi uma criança pequeninha, que tem lá os seus 9, 10, 11 meses, e que está começando a aprender a balbuciar, e ela começa a falar: “au au”. Aí ela

olha para o cachorro e faz “au au”. Ela olha para o outro e faz “au au”. E cada cachorro que ela vê, ela acha incrível; “Incrível, um cachorro! Gente, um cachorro de novo!”.

À medida que ela vai crescendo, ela vai conseguindo perceber que todos aqueles seres que tem aquele conceito são cachorros. E aí apontar um cachorro já não tem mais graça para ela; aquele encanto já se foi, porque agora virá um encanto de outro gênero. O que acontece é que uma criança pequenininha consegue ficar horas olhando vários cachorros, olhar uma formiga carregando uma folha uma após a outra para dentro do formigueiro durante muito tempo. Aquilo, para ela, é impressionante.

É impressionante como ela fica um tempão vendo uma coisa repetir o que ela está fazendo. Nós achamos isso uma chatice. Para nós, nós fazemos uma vez uma brincadeira com a criança: “Achou!”, e a criança fala: “Nossa!”. E a criança ri, e fala: “De novo!”. E a gente faz de novo: “De novo!”, e a gente faz de novo, porque ela não consegue captar tudo aquilo que o ser, que aquela realidade, consegue informar para ela.

Para nós, seres humanos, aquilo a gente vê uma vez, pronto; nós já entendemos o ser daquilo. Está resolvido. Para a criança, não: as coisas não tem essa universidade, não consegue pegar o conceito, a universalidade da coisa; a coisa está ali na sua particularidade o tempo inteiro. Por isso ela fica impressionada cada vez que ela vai numa fazenda, vê um lagarto que se afasta dela toda vez que ela se aproxima. E ela fica horas correndo atrás do lagarto. Ela se aproxima do lagarto, o lagarto corre; ela se aproxima, o lagarto corre. E aquilo é super divertido para ela.

Ou então ela fica horas olhando as bolhas de sabão estourando no ar cada vez que ela sopra uma bolha de sabão. O encantar-se com isso faz parte do desenvolvimento da faculdade razão da criança. Chega uma hora em que essa parte da faculdade da razão está desenvolvida, e nós conseguimos perceber que cada uma das coisas particulares tem o seu conceito. E aquilo passa a não ser uma novidade mais.

Além dessa capacidade, que a faculdade da razão nos dá, nós também passamos a ter a capacidade de calcular as coisas; ou seja, olhar para a sua causa e o efeito. Então, a partir de uma coisa que eu faço, terá um efeito. Para a criança pequena que está se desenvolvendo, aquilo é impressionante. Então, é impressionante que ela pegue um copo, inverta o líquido que está ali em outro copo. Ela fica horas ali invertendo água, falando: “Nossa, a água foi toda para cá. Agora foi toda para cá. Se eu chegar um pouco para cá, a água vai cair”.

Ela fica horas fazendo isso, brincando com a mesma coisa, brincando de areia, entendendo a relação de causa e efeito das coisas. Por isso que nós não precisamos de um estímulo externo para a criança ficar fazendo besteira por aí (que a gente chama de besteira). A criança simplesmente olha uma toalha em cima de uma mesa, e o que ela pensa: “Toalha, em cima da mesa, e vou puxar a toalha”. Aí ela puxa toalha: “Ih, gente! Caiu tudo no chão”.

Ela não está querendo deixar a gente irritado no final da situação. Ela está calculando: “Caramba, se eu puxar cai tudo no chão!”; ou então: “Se eu colocar a mão no ferro quente eu vou queimar a mão”. Ela só vai saber depois que ela fizer. Não adianta nós falarmos: “Não coloca a mão no ferro quente!”. Muitas vezes, a criança precisa experimentar aquilo.

Cabe a nós não deixar o ferro quente, para a criança não ter a tentação, a motivação interna de fazer, de colocar a mão no ferro quente. Dar os seus primeiros passos é justamente isso: a faculdade da razão dela conseguindo se exercitar: “Quando eu coloco um pé aqui e

depois o outro, eu consigo me equilibrar, e consigo andar”. Obviamente que ela não racionaliza isso. Mas isso simplesmente acontece na vida dela.

A emissão dos primeiros sons, por exemplo: ela emite um som, abre a boca, e aquele som começa a se parecer com os sons que ela escutou, e ela começa a balbuciar, silabar; e, daqui a pouco, ela começa a ver que as sílabas estão virando palavras, e ela começa a ver que cada vez que ela fala junta duas sílabas iguais, ma ma, por exemplo, a minha mãe se volta, fica alegre e fala: “Isso, mamã!”. E aí ela: “Esse negócio de “mamã” tem um sentido”. E aí ela começa a juntar o “mamã” com aquela pessoa que é a principal cuidadora dela.

Isso tudo faz parte da faculdade da razão. Um terceiro momento da faculdade da razão, quando ela já conseguiu essa capacidade de abstrair o universal das coisas particulares, ela começa a ver que o mundo ao redor dela, não só a criança, mas quando ela já está mais desenvolvida, é um mundo estável; que ela consegue descobrir que cada coisa tem o seu conceito, a sua universalidade.

E aí remete a um princípio de estabilidade no mundo. Então, ela fala: “As coisas não tem um movimento errático. Cada coisa não é instável. Aquelas coisas sempre imprimem em mim e elas sempre mostram para mim o mundo da mesma maneira”. Então, elas encontram um princípio de estabilidade no mundo, de fato.

E esse mundo material estável remete à presença de um algo, de um ser que deu o ser a todas as coisas. Eu estou aqui meio que contando para você como é que a razão vai nos instalando na realidade. E um outro momento é um em que a nossa razão busca captar o conceito, a universalidade da particularidade de realidade superior, como, por exemplo, a justiça, nobreza, lealdade. Ou seja, o ser humano adolescente começa a viver no mundo (até a criança maiorzinha) e começa a ver que há justiça no mundo; que alguma coisa é justa ou não é. Aí a criança fala: “Isso é justo!”, “Isso não é justo!”, “Isso pode!”, “Isso não pode”.

Ela começa a tentar, de fato, extrair conceitos de situações. Ou seja, a faculdade da razão já está começando a ficar um pouquinho mais sofisticada. Naturalmente, se nós deixamos que a razão aja naturalmente, nós vamos percebendo que a razão vai numa subida; numa escalada em que o nosso entendimento vai tentando extrair coisas de realidades superiores. Isso vai se desenvolvendo através de uma vida inteira.

Hoje, se a gente pensar em nós, adultos: será que a gente tem noção, de fato, do que é a virtude, por exemplo, da justiça? Do que é, de fato, ser leal? Do que é, de fato, ter uma atitude nobre? Talvez a nossa razão não tenha permitido que a nossa inteligência tenha captado tudo isso. Por quê? Um dos motivos para isso acontecer é porque nós vivemos num mundo muito materialista e preocupado com a funcionalidade das coisas e das pessoas.

Então, a gente acaba instrumentalizando todas essas coisas. De alguma maneira, a gente amputa essa subida que estaria a razão, essa escalada que a razão teria para a extração do conceito universal das realidades particulares. Isso fica amputado. Nós começamos a parar de pensar, a olhar para o mundo só de forma funcional, só de forma materialista: o que importa são as coisas que eu consigo ver, as coisas que estão ali mais simples. Eu só consigo extrair conceitos de coisas que gritam para mim, como, por exemplo, olhar uma cadeira, e olhar que isso é uma cadeira; isso é feito para sentar. Eu consigo absorver simplesmente essas coisas.

Realidades mais superiores eu acabo não conseguindo fazer. O que nós temos feito com a nossa própria educação, e com a educação dos nossos filhos? Nós temos reduzido a educação dos nossos filhos a uma preocupação de adquirir informações e habilidades para que eles tenham sucesso; para que eles sejam bons médicos, para que saibam muito de matemática, para que saibam ler. Então, a gente fica na funcionalidade da coisa.

Se aquilo tem uma função clara, eu faço com que meu filho faça. Se não tem uma função materialista para a coisa, então, talvez, não seja importante. Então, nós acabamos enchendo os nossos filhos de estímulos externos, na tentativa de que eles sejam crianças com habilidades incríveis, com uma inteligência máxima, mega, para essas coisas que são simplesmente funcionais.

Nós estimulamos que eles vão ao teatro, porque assim eles vão ser super cultos, e vão ser crianças que tem quase que um ar de sofisticação. Mas, na verdade, as crianças nem entendem o que estão fazendo no teatro, no museu. Nós levamos nossos filhos para assistir ballet. E aí levamos para ter aula de inglês, de francês, para que eles façam viagens, para que saibam esquiar.

Tudo que eles fazem é para alguma coisa. Nós não estamos preocupados com o desenvolvimento das motivações internas. Nós não estamos preocupados com o que nós vamos permitir que os nossos filhos vivam para observar a realidade das coisas. Nós enchemos os nossos filhos de estímulos externos, e a criança, vendo esses estímulos externos sendo expostos, que tem uma finalidade funcional, digamos, elas acabam superando esse encantamento natural por conhecer o mundo. Então, anula a capacidade da criança de motivar-se por si mesma.

As telas e todas essas atividades extracurriculares, uma série de atividades que eu quero que o meu filho faça: “Agora nós vamos para o shopping”, “Agora nós vamos para a piscina”, “Agora nós vamos para a natação”. nós ficamos colocando uma série de estímulos externos para a criança, ou seja, na intenção funcional, para que ela tenha uma função, a capacidade, a habilidade de fazer coisas que são totalmente sem uma importância transcendente. Ou seja, não vai fazer com que a razão dela vá nessa escalada, dela, de fato, se preocupar em entender essas coisas superiores.

Muito do que a gente vai falar aqui está relacionado com isso. Muito do que a gente quer que os nossos filhos sejam expostos: à inglês, a atividades extracurriculares de natação, judô, balé, essa quantidade de coisa que nós colocamos para os nossos filhos assistirem, para terem acesso, é muito porque nós esperamos que assim nós vamos dar para eles tudo que eles precisam para que eles tenham uma boa função no mundo, nesse sentido. E nós não estamos preocupados com o desenvolvimento da personalidade, do intelecto, como deveria ser.

O que faz nós acreditarmos que nós precisamos, que nossos filhos precisem, de estímulos externos o tempo todo? Porque nós damos tanto estímulos externos, e, depois, eles acabam reclamando de nós esses estímulos externos. Ou seja, eles ficam fazendo aquelas perguntas que eu falei no início: “Mãe, o que eu vou fazer agora? Ai mãe, que chato. Eu não tenho nada para fazer”. As crianças acabam não conseguindo viver num ócio saudável, num silêncio saudável, que é necessário para o desenvolvimento dessas faculdades superiores, que nós vamos ver um pouco.

O tempo inteiro nós queremos colocar coisas para os nossos filhos, e nós não damos tempo que eles depurem tudo isso que eles estão recebendo de estímulo externo. E a

pergunta que é importante nós nos fazermos é: há algum malefício de eu ficar dando tantos estímulos externos ao meu filho?

Eu dei uma pincelada para vocês. Quando nós damos muitos estímulos externos nós apagamos esse encantamento natural pelo mundo. É como se essa admiração, esse desejo de conhecimento, de descobrir o ser das coisas no mundo fosse apagado, abafado, de fato, por esses estímulos externos. Nós ficamos tão nos estímulos, na televisão, no smartphone, e coisas que eu preciso saber, e meu filho precisa saber; vai para a natação, vai para o inglês e não sei o que.

É como se os sentidos dela já estivessem totalmente saturados daquelas coisas. E aí ela não consegue se abrir para o que realmente importa. Será que quanto mais coisas nós damos para os nossos filhos, uma maior quantidade de estímulos, tanto de telas, mas também isso que eu estou falando, de atividades extracurriculares, de latim, natação, judô, brinquedos educativos e não sei o quê lá, será que isso tudo tem um benefício, de fato? Os nossos filhos podem perder tempo sem fazer nada? Porque nós não os deixamos perderem tempo.

Se a gente for ver, uma criança, hoje em dia, tem um super schedule; ela acorda, vai para o colégio, vai para a natação, para o judô. Depois, ela vai não sei onde. Daí ela chega em casa, janta, e ela vem assistir um pouco de televisão e dorme. Ela tem sempre um monte de coisas a fazer. Ela nunca está sem fazer nada. Será que isso é saudável?

Nós escutamos muito falar dos aplicativos e dispositivos inteligentes que vão potencializar a inteligência dos nossos filhos, sobre a neuroplasticidade infantil; ou seja, que o cérebro da criança tem uma grande capacidade de neuroplasticidade. Então, quanto mais estímulos nós dermos, maior conexões cerebrais a criança vai fazer. E as conexões cerebrais vão fazer com que elas tenham maior capacidade, inteligência, maior capacidade de memória.

Quase que trata a criança como um computador; que nós temos que aproveitar as janelas de oportunidade das crianças; que as crianças teriam janelas de oportunidade de aprendizado, e que se nós não aproveitarmos essas janelas, elas se fecharão e a criança não vai conseguir nunca ter o mesmo desempenho de aprendizado se nós tivéssemos utilizado essas janelas. Será que isso é verdade?

Produtos digitais que vem com base de neurociência, que supostamente aumentariam a curva de aprendizado das crianças. Vem também coisas de que os nativos digitais, que são os nossos filhos, que nasceram na era digital, têm cérebros muito mais ágeis do que os nossos. Então, eles têm muito mais capacidade de fazer multitarefas e tal.

Eu queria falar um pouquinho, na verdade, de dois desses mitos. Todas essas coisas ficam na nossa cabeça de pai, e nós ficamos tentando tapar buraco dos nossos filhos, tentando dar para eles tudo para que eles não fiquem atrás das outras crianças que estão super à frente de todas essas coisas.

Eu sou mãe, e os meus filhos, quando eram pequenos, eu, por ter muitos filhos, não conseguia colocar eles na natação. E eu via que todos os amiguinhos deles estavam na natação, no judô, e não sei o que. E eu sempre pensava isso: “Nossa, caramba! Será que, de fato, os meus filhos estão atrás cognitivamente, ou na parte da psicomotricidade, atrás dessas crianças que são expostas a essa quantidade de atividades?”

O que era mais importante para mim? Ficar com os meus filhos, já que eles estavam no colégio de 8 às 4 da tarde, e, se eles voltassem às 4, eles tinham que estar em uma atividade

extracurricular. Então, a gente teria um convívio familiar restrito. O que era mais importante? Eles estarem na natação, no judô, em cada uma dessas atividades, ou, tendo acesso aos filmes para que eles não ficassem para trás, ou era mais importante a nossa convivência familiar, entre os irmãos?

Muitas vezes os pais falam: “Bem, acho que o mais importante é estar fazendo uma atividade, porque, no final das contas, moro no Rio de Janeiro, e não pode não saber nada. No final das contas, poxa, ele precisa fazer judô, porque ele precisa começar cedo. Se ele não começar cedo, ele não vai conseguir ter as habilidades necessárias para conseguir desempenhar bem essa luta”. Tem uma série de coisas que ficam na nossa cabeça enquanto pais, e eu queria conversar um pouquinho sobre isso com vocês.

O primeiro mito que eu queria falar é sobre essa história do período crítico. Ou seja, esse mito sugere que o cérebro da criança não vai funcionar adequadamente se ele não receber a quantidade de estímulos corretos; que eu preciso dar muito estímulo para os nossos filhos, para que o cérebro do meu filho funcione na sua plena capacidade; que o momento em que algo de algumas habilidades devem ocorrer nesses períodos críticos.

Há essa janela de oportunidade, que, ali, há o melhor momento de a criança aprender aquela habilidade; por exemplo, aprender uma nova língua. É importante aprender uma nova língua enquanto as crianças são muito pequenas, porque, depois, ela nunca falará como uma criança que foi exposta a essa janela de oportunidade.

Há também, dentro disso, o mito da sinaptogênese, ou seja, que se eu der os estímulos corretos, no momento certo, eu vou criar conexões cerebrais que nunca serão esquecidas, e que vão ser conexões quase que perfeitas para que ele possa exercitar, fazer aquela habilidade da melhor maneira possível.

Isso tudo fica na cabeça. Eu não vou entrar no mérito da questão científica, de qual é o estudo que fala e não sei o quê. Existem uns estudos que falam contra tudo isso, e que isso não é real. As pessoas pegaram alguns estudos e manipularam para conseguir falar sobre isso, sobre essa idade de ouro, sobre essa sinapse. Mas eu não vou falar isso. Eu queria só que nós voltássemos ao conceito da funcionalidade da educação.

Quando nós pegamos esse mito do período crítico e transforma em uma realidade para nós, enquanto pais, ficamos tão preocupados em cuidar dos períodos críticos: “Será que meu filho está no período crítico de aprender inglês, chinês, futebol?”. Eu fico tão abitolado com essa coisa que sai da minha cabeça algo que é mais importante do que aprender uma nova língua para tal e tal.

O que é mais importante do que isso? É a relação afetiva que há entre o educador, o cuidador e a criança. Muitas vezes, as crianças ficam muito longe dos seus pais, de quem cuida delas, para que elas sejam expostas a todas essas atividades, porque estão sempre pensando nessa questão da funcionalidade.

É mais importante para o bom desenvolvimento da criança o vínculo afetivo que ela faz com o cuidador do que a quantidade de informação que ela recebe, que a quantidade de estímulo externo que ela recebe. Essas conexões sinápticas que acontecem durante os primeiros anos de vida são suficientes para que o cérebro possa se desenvolver adequadamente até o final da vida. Se nós formos pensar, as grandes mentes do mundo não tinham acesso a nada disso; eles não iam nem à escola antes dos 6, 7 anos de idade. E foram

grandes pensadores: Platão, Aristóteles. Vocês acham que eles tinham natação, judô? Não existia isso, porque isso simplesmente não é importante.

Nós nos colocamos um monte de: “Mas meu filho não é assim! Como é que eu vou ter um filho se ele me custa natação, judô. Aí eu tenho que me preocupar com alimentação orgânica”. É tanta coisa que nós colocamos na nossa cabeça para que ele seja um ser humano perfeito, para que ele tenha uma função no mundo, uma função de ser um bom médico, que ia ser uma coisa muito pequena para a educação de um ser humano.

Há muita coisa muito mais importante do que isso. Graças a Deus que não é assim. Graças a Deus que nós não precisamos ficar super preocupados com período críticos e não sei o quê. É como eu falei um dia para uma amiga minha: os nossos filhos dependem menos de nós do que nós imaginamos. Ainda bem que é assim.

Outro dia nós estávamos falando disso no Facebook. Perguntaram: “O meu filho tem 1 ano e 9 meses, e ele fala poucas coisas. Será que a culpa é de nós, que nós ficamos falando por ele e não sei o quê?”. Gente, pelo amor de Deus, para de pensar isso. No ambiente normal em que há pessoas conversando, em que há pessoas que falam com a criança, e certamente essa mãe é uma dessas, porque se ela está acompanhando o Instagram, provavelmente ela se preocupa com a educação do filho dela, então, ela está tentando conversar com o filho dela minimamente, a criança vai se desenvolver.

A crianças, graças a Deus, não depende dos nossos estímulos totalmente eficazes para que ela consiga se desenvolver bem. Não é assim que funciona. E graças a Deus que não é assim. Ela depende sim do vínculo afetivo que ela estabelece com nós, pais, cuidadores da criança. Isso sim é muito importante.

Muitas vezes nós bombardeamos os nossos filhos com informação, e o vínculo afetivo fica totalmente esquecido, porque nós, pais, ficamos nervosos, irritados, se está na hora do judô, da natação; e agora tem que ir para lá, para cá. Nós vamos ficando tão preocupados que esse vínculo afetivo vai ficando totalmente errático em relação à criança.

Nós passamos a não olhar para os nossos filhos vendo que ali há um ser humano, e não alguém que nós ficamos incutindo uma série de coisas para que ele se transforme num super ultra mega criança inteligente. Sinceramente, isso é pouquíssimo importante.

“Por que você está falando isso?”. É óbvio que as telas entram aí, porque muitas vezes nós queremos que os nossos filhos sejam expostos às telas porque “Esse desenho aqui é educativo, meu filho aprende inglês, matemática, a contar de forma super divertida. Ele nem sente que ele está aprendendo”. Essa é uma outra coisa importante que nós vamos ver lá na frente: a educação exige esforço.

Educar, criar os nossos filhos para que aprendam brincando o tempo inteiro, vão ser adultos que acham que para eles aprenderem alguma coisa, para eles se auto educarem não é necessário esforço. Na hora que a necessidade do esforço aparecer, que não houver uma motivação externa, uma recompensa para que eles façam determinada coisa, eles não vão conseguir fazer.

Isso é uma das coisas que quando, hoje, por exemplo, pensando até na funcionalidade das coisas, nós vemos uma pessoa que vai ser contratada numa empresa, se vê muito menos a quantidade de coisa, de informações que há dentro daquele software da cabeça do cara, e se

vê muito mais as habilidades sociais; a habilidade que aquela pessoa tem de pegar aquelas informações e fazer dessas informações algo que, de fato, importa.

Incutir informações na cabeça dos nossos filhos, saber contar até 30, saber não sei o que lá, são realmente coisas que importam muito pouco, porque isso um computador sabe fazer. O ser humano precisa fazer um pouquinho a mais que isso.

Esse vínculo afetivo precisa, portanto, ser estável. E esse vínculo afetivo estável é muito mais importante do que qualquer informação, excesso de informação, excesso de estímulo, que eu dê para o meu filho. Essa estabilidade afetiva precisa ser cuidada. Essa afetividade precisa ser constante, previsível; ou seja, a criança precisa saber que toda vez que o input dela em relação ao cuidador é tal, a resposta do cuidador vai ser tal.

Nós não podemos cada hora falar uma coisa; uma hora nós estamos irritados, uma hora nós nos importamos com o desenho que ela faz, outra hora nós não nos importamos, uma hora nós cobramos, outra hora nós não cobramos; uma hora estamos felizes, outra hora estamos irritados; uma hora estamos olhando para a criança, outra hora estamos olhando para o celular. Não pode ser assim. Ela precisa ser personalizada. Ou seja, ela precisa ser justa.

A relação afetiva com cada um dos meus filhos precisa ser justa. Eu preciso dar a cada um aquilo que lhe é devido. Se aquele meu filho está precisando de mais atenção naquele momento, assim eu o farei. Eu não posso agir igualmente com todas as crianças. Estou falando também em relação ao professor. Tem crianças que solicitam mais. E ele precisa conseguir saber essa medida.

O educador precisa ter uma sensibilidade para as necessidades básicas da criança; para o sono, higiene, alimentação, ordem, para saber se a rotina da criança está sendo cuidada. Muitas vezes, a falta de aprendizado da criança vem justamente porque faltam essas coisas básicas. E, quando a criança percebe que essas necessidades básicas dela estão sendo atendidas, que ela está sendo olhada, ela se sente muito segura: “O mundo se importa comigo”, porque o mundo, para ela, é visto pelo prisma do principal cuidador. Nós não podemos deixar isso de lado. Nós precisamos cuidar muito mais disso do que qualquer informação de estímulo externo que nós dermos para os nossos filhos.

A sensibilidade do educadora também está em sintonizar, ou seja, conseguir que a criança vire o olhar dela para o que é belo, pela verdade e para a bondade. Nós precisamos ajudar que os nossos filhos vejam essas coisas no mundo. Como eu falei: eles têm um encanto, uma admiração natural pelas coisas do mundo. Mas nós temos mais sabedoria, e nós sabemos mais das coisas do mundo do que a criança.

Nós podemos estimular que elas vejam no mundo, coisas que elas não estão vendo de primeira. Nós não precisamos dar as coisas para elas de mão beijada, mas nós podemos virar o olharzinho: será que não dá? Será que tem aqui que você não está vendo?

Qual é o problema das telas? Elas não têm essa interface. A interface entre a realidade do mundo e a criança precisa ser o cuidador, o educador. As telas não tem isso, essa sensibilidade humana. Então, tudo ao que a criança é exposta vai entrar dentro dela sem essa mediação humana. O cuidador precisa dar à criança essa chance de fazer essas descobertas no mundo, abrir para ela essas realidades ocultas, que estão ocultas a ela pela ignorância, de fato, pela falta de experiência de vida.

Nós podemos ir abrindo essas janelas para elas, para que elas possam contemplar aspectos da realidade. Nós, educadores, não podemos ser simplesmente expectadores do que a criança está fazendo, e nem, por outro lado, dar tudo para ela; se não ela vai perder esse encanto que ela precisa ter para que ela consiga aprender e fazer com que esse aprendizado seja, de fato, incorporado dentro dela.

As telas, os livros, por exemplo, descrevem para a criança, para o adolescente, para o adulto, as realidades que ela viveu e que o autor consegue descrever aquilo ali para ela. Ou, então, ele consegue dar a ela uma experiência que ela não pôde ter na realidade. E quando aquela situação acontecer na vida dela, ou algo parecido, ela vai ter as ferramentas necessárias para saber como agir no mundo.

Eu vou ler um trecho de um livro aqui para vocês. É um trecho de um livro do meu filho, chamado A Princesa e o Goblin, que é só para vocês entenderem. Tenta olhar para isso e fazer uma relação entre as coisas que vocês já viram no mundo e o que o autor está escrevendo.

Ele fala: “Durante algum tempo nada mais aconteceu que valesse a pena contar. O outono chegou e se foi. Não havia mais flores no jardim. O vento soprava fortemente e uivava entre os rochedos. A chuva caía e ensopava as poucas folhas amarelas e vermelhas que não conseguiram cair dos galhos nus. Muitas vezes, surgia uma manhã maravilhosa, seguida por uma tarde de chuva forte, e algumas vezes, durante toda uma semana chovia o dia todo, e então aparecia a mais linda noite sem nuvens, com o céu totalmente estrelado - não faltava uma estrela. A princesa, porém, não podia ver muitas delas, pois ia cedo para a cama. O inverno chegou, e ela começou a achar que as coisas ficavam sombrias”.

A criança que vive na realidade mesmo fora das telas, consegue perceber essas coisas; consegue perceber o vento que sopra, a chuva que cai, o calor das coisas, o cheiro que tem quando a chuva cai sobre a terra, a luminosidade, ausência de luminosidade; como é um dia de outono, de inverno, de verão; que tipo de sensações ela tem. Viver assim é muito importante, porque quando nós vivemos dentro da realidade, nós conseguimos recrutar todas as nossas experiências sinestésicas que nós tivemos na vida para que nós consigamos entender o que o autor quer dizer.

E também, por outro lado, nós conseguimos, muitas vezes, narrar as nossas experiências de forma com que a outra pessoa que leia consiga entender exatamente o que nós estávamos sentindo, e o que nós estávamos passando naquela situação.

O que acontece quando os nossos filhos são expostos, por exemplo, a um filme fora da realidade o tempo inteiro, por muito tempo? Acaba que as crianças não têm essa experiência sinestésica, da realidade. Acaba acontecendo uma atrofia da imaginação. Quando nós lemos um livro, o que acontece? Nós acabamos tendo que completar aquilo que está sendo escrito pelo autor através das nossas sensações, das coisas que nós já vivemos na vida.

Quanto mais coisas nós já vivemos, vamos conseguir entender a realidade das outras pessoas, nos expressar melhor. Quando os nossos filhos vivem simplesmente com as telas, todas essas situações acabam, não existem; ficam, de fato, pessoas que não conseguem ter empatia com o outro, porque ela não consegue imaginar o que o outro sente, vive. Ela não consegue imaginar toda essa cena que é descrita, por exemplo, num livro. Então, ela fica com a imaginação curta mesmo.

Ela acaba ficando uma pessoa que imagina pouco. E, portanto, tem pouca empatia com o outro. Ela não consegue recrutar dentro dela o que ela precisa para conseguir entender a realidade tanto dela quanto das outras pessoas.

Se nós acabamos criando os nossos filhos dentro de um apartamento, de uma realidade que eles estão sempre no judô, na natação, não tem contato com a natureza, com a vida, com o relacionamento interpessoal, nós amputamos dos nossos filhos muitas coisas importantes para o relacionamento de vida, para a realidade.

Quando, por exemplo, nós vamos lá na Disney e vamos no cinema 4D, por exemplo, que aí então nós vamos participar de experiências sinestésicas. Aí vem o vento daqui, e não sei o quê. Aquilo ali está totalmente dado. A criança não tem nenhum esforço, não precisa recrutar nada para que ela consiga viver aquela experiência. Aquilo já está tudo dado. O mundo vai ficando sem graça para as crianças que são expostas a telas, à filme, porque já é tudo dado. Ela não precisa ter esforço nenhum. A realidade começa a ficar sem graça.

Por isso que as crianças expostas aos filmes, televisão, às telas, ficam crianças apáticas, que a todo momento precisam de mais estímulo. É como, por exemplo, uma pessoa que está acostumada com doce. Quando você dá uma coisa que não tem doce, ou que tem pouco doce, a pessoa fala: “Nossa Senhora!”. A pessoa não aguenta, porque o paladar dela está totalmente saturado daquele doce.

Uma criança que é exposta o tempo todo a estímulos externos que já estão dados para ela sem que ela tenha esforço de perceber nada, de viver aquilo na realidade, de viver aquelas experiências e trazer para dentro dela, e ela tem um tempo de silêncio para fermentar aquilo dentro dela e transformar aquilo numa experiência real, em biografia de vida, é uma criança apática; que está o tempo inteiro esperando que alguém dê algo para ela: “E agora mãe, o que eu faço?”.

Ela não tem motivação interna. Não tem nada dentro dela que faça com que a realidade encante ela. Tudo fica chato. Por isso que essas crianças, quando vão para uma sala de aula, por exemplo, e o professor está lá escrevendo a coisa no quadro branco, aquilo começa a não ter graça nenhuma, porque ela está o tempo todo com estímulo, dopamina no cérebro dela. Aí quando ela vê uma coisa “sem graça”, não tem graça nenhuma. Ela acaba não conseguindo se encantar com realidades, que são realidades que exigem dela um esforço, uma motivação interior.

Essa vinculação entre o educador e a criança é de extrema importância. Eu li uma coisa muito bonita: “O cuidador é utilizado pela criança como base de exploração”. Eu vi, estudando sobre essa aula, uma experiência que fizeram numa sala de educação infantil. As crianças estavam tendo aula normalmente, e aí um senhor foi lá e subiu na escada para trocar a lâmpada. E ele deixa cair a lâmpada no chão.

E as crianças, o que fazem? Elas não olham para a lâmpada, não olham para o rapaz: elas olham para a professora. A primeira reação das crianças é olhar para a professora. Elas querem saber da professora: “O que a gente faz? Nós gritamos, choramos, nos assustamos?”. Elas ficam esperando do cuidador saber o que fazer daquela situação.

O cuidador, de alguma maneira, vai modular na criança o que ela precisa sentirem relação àquela cena, qual é o valor moral que ela vai dar àquela realidade. Um cuidador

desatento é muito prejudicial, porque ele não vai estar sendo essa base de exploração, esse suporte. A criança, de fato, fica perdida.

O nosso papel, enquanto pais, educadores, é justamente ajudar a criança nessa realidade. Qual é o peso que ela vai dar aos acontecimentos? Qual é o valor moral das coisas? Qual é a maneira que a criança vai reagir? Como o educador vai fazer? Vai abraçar? Como ele vai ajudar ela a interpretar a realidade? Como ele vai dimensionar aquele problema emocional que ela está vivendo? Como ele vai fazer para corrigir um defeito, para mostrar para a criança que aquilo é um defeito? Como ele vai fazer para mostrar para a criança que aquilo é uma qualidade que ela precisa desenvolver?

Eu contei para vocês o que aconteceu na minha casa, que os meninos estavam brincando, e o meu de 4 anos machucou sem querer o meu filho de 2 anos. E aí o meu filho de 2 anos, o que foi fazer? Foi morder o de 4 anos. Foi a primeira reação dele. Aí o meu de 7 anos chegou para ele e falou: “José! Controle os seus poderes!”. Daí o José parou de fazer o que ele estava fazendo.

Nesse momento foi maravilhoso o José não ter mordido, mas o Antônio foi elogiado, porque ele conseguiu ter a capacidade de avaliar a situação, de falar uma coisa que impedisse que o irmão mordesse o outro. Eu não posso ter um olhar para essa realidade que aconteceu descuidado, insensível. É nesse momento que eu preciso conseguir pontuar as coisas: “José, não morda”, “Antônio, parabéns pela sua atenção”. Eu preciso conseguir pontuar, modular essas coisas para os meus filhos.

Uma criança que viva à base de tela, primeiro que ela não vive essa realidade, ela não consegue viver as próprias frustrações. Isso me faz lembrar quando o meu filho mais velho era pequeno, e o meu segundo filho já tinha nascido. Eles têm a diferença de 1 ano e 10 meses. O meu primeiro filho sempre gostou de construir coisas.

Ele construía, ficava horas construindo um negócio de Lego. Aí vinha o irmão e destruí tudo. Ele ficava construindo, vinha o irmão e ficava destruindo tudo. O que ele aprende com isso? Ele aprende coisas para a vida dele. Ele aprende que na vida é assim. Muitas vezes, nós vamos construir coisas à base de muito esforço, e vão vir outras pessoas e vão destruir tudo aquilo que nós construímos.

Ele precisa viver essa frustração através da brincadeira, de uma situação afetiva controlada, porque ele ama o irmão, porque eu estou lá com ele, consigo modular essa realidade para ele. Isso é muito mais importante do que qualquer informação que o meu filho vá ter, externa. Por isso que na hora de escolher: “O que eu faço? Vou levar o meu filho para a nataçao ou vou querer que ele conviva comigo?”, eu quero que ele conviva comigo, porque eu vou ser que eu vou ser uma cuidadora, uma educadora, olhando para ele e ajudando a que ele olhe o mundo como precisa ser olhado; olhe para a beleza do mundo, para a bondade, para a verdade do mundo.

Aí você fala: “Ah, Samia, mas como é que eu vou saber fazer isso?”. Essa sensibilidade do educador é essencial; para os professores, para as mães. Todas essas aulas que eu dou para vocês são ferramentas para que vocês tenham critérios para decidir o que fazer no caso concreto.

Quando eu respondo coisas nos stories, o que eu digo são respostas que vão dar uma orientação geral, não para o caso concreto. No caso concreto é você com os seus critérios, que

you acquired by reading, attending class, watching other people do, that you will decide at the hour what is to be done. This sensitivity of the educator to establish this affective bond and give this security to the child is much more important than any information, stimulus external, that you will give to your child.

A tela é uma interface em que não há vínculo afetivo. É uma interface que deixa chegar na criança, sem filtro, sem modulação, todas as informações. E não é assim que é para ser feito. A realidade vai tentar entrar no seu filho, e você vai ser esse filtro, essa modulação para que ele consiga entender a realidade como ela precisa ser olhada. Se ele não estiver prestando atenção em determinada coisa, você vai ajudá-lo a prestar atenção. Se ele estiver exageradamente prestando atenção em coisas que não são de tanta importância, você vai ajudar a que ele module isso.

Essa é uma ferramenta que, quem faz, ou seja, deixar coisas que precisam entrar, entrem, e evitar coisas que não precisam entrar não entrem, é a atenção. A atenção, de fato, é o porteiro que permite que entre ou não coisas boas ou coisas ruins para dentro da memória. O que acontece?

A atenção é justamente essa capacidade de filtrar e selecionar a informação relevante. É como se ela fosse o porteiro da memória. O porteiro vai selecionar o que pode ou o que não pode entrar. Se o porteiro permite entrar qualquer tipo de informação, seja ela relevante ou não, a memória fica confusa, e acontecem: dificuldade de aprendizado, erros, deterioração da qualidade da profundidade do pensamento, perda do sentido de relevância, tudo fica tendo a mesma importância.

Nós precisamos ajudar que o porteiro tenha essa habilidade, de escolher o que deve ou não entrar. Que o porteiro desenvolva o sentido da relevância: “Isso é importante ou não?”. Isso que a atenção faz. O que a atenção faz é escolher: “Isso entra, ou não entra?”, “Isso é importante, ou não é importante?”, “Isso precisa ficar na memória, ou isso não precisa?”. O que acontece? Se nós educamos os nossos filhos cheios de motivações exteriores e com uma avalanche de informações, o porteiro fica confuso; a atenção fica confusa.

Se nós educamos com motivações exteriores, o que acontece? O porteiro vai deixar entrar não se baseando no que é bom ou não para a memória, mas ele vai se basear no que é bom ou não trazer para aquela pessoa. Se tudo que ela faz é com motivações exteriores, que é o que acontece na hora que a criança, jogando um joguinho da memória, não pelo joguinho da memória em si; ela está jogando o joguinho da memória porque depois vão ficar balões pulando: “Well done!”. E a criança: “Que legal!”.

Ela fica muito mais com o sentido de recompensa, tipo: “Eu vou conseguir, vou ser recompensada com uma super musiquinha”, com uma super coisa legal, do que, de fato, pelo que ela está fazendo. Se ela está fazendo, em si, é de fato relevante. Então, nós não podemos educar os nossos filhos com essas motivações exteriores nesse sentido.

Por exemplo: nós vamos estimular que as crianças de um colégio tragam roupas para levar para um abrigo. Isso é ótimo. Deveria parar aí: tragam roupas para ajudar a aquecer as crianças no inverno. O que acontece, muitas vezes? As pessoas colocam uma motivação exterior: “Se for assim, vocês vão ganhar uma pontuação para a gincana”, “uma bola”, “uma viagem para não sei o que”. A motivação exterior abafou uma motivação que deveria ser interior e transcendente, de ajudar o próximo, de fazer com que as pessoas não fiquem com frio na rua.

Muitas vezes nós atrapalhamos, abafamos com as motivações exteriores algo que deveria ser bom por si. “Se você fizer o seu dever de casa, você vai ganhar uma estrelinha”. Você vai abafando as motivações interiores.

“Mas, Samia, não é possível que uma criança queira fazer o bem por si só”. Claro que é possível. É totalmente possível. A sensação de fazer alguma coisa pelo bem em si, a sensação de fazer alguma coisa porque eu fiz bem feito, porque eu coloquei o meu esforço e eu tive um resultado, por si, já é satisfatória.

Estou fazendo a minha aula aqui para dar para vocês. Quando eu acabo a aula, essa sensação já é satisfatória: a sensação do dever cumprido. Eu consegui fazer aquilo porque era o certo a ser feito. E eu consegui colocar todo o meu esforço, não sei quantas páginas de um livro. Pronto, isso já está dado. Se eu estou sempre necessitada de estímulos externos e recompensas, eu não vou conseguir passar pelo esforço necessário para fazer aquilo.

E as telas, muitas vezes, estimulam os nossos filhos nesse sentido, que façam as coisas por recompensas externas; videogame, você vai passar de fase. Os estímulos estão saindo dali. Na hora que você fala para uma criança para ela fazer um dever de casa por fazer, aquilo não encanta ela, não tem valor; ela não tem um encanto no conhecimento por si. Ela precisa de um estímulo externo, de algo que ocupe aquele buraco que fica ali, que toda hora ela é estimulada a fazer por causa das telas, do computador, do iPhone.

Se nós damos motivações externas, o porteiro, em vez de deixar passar ou entrar se baseando em coisas que, de fato, alimentam a minha memória bem ou não, ele vai deixar passar ou entrar baseado na recompensa: aquilo me faz bem, ou não me faz bem. E nem tudo na vida é assim. Nós precisamos deixar entrar na nossa memória coisas que não nos fazem bem sensivelmente, mas que é necessário porque é um bem maior. As motivações exteriores, nesse sentido, matam tudo.

E o outro é a avalanche de informações. É como se o porteiro estivesse lá, e você dá tanta informação, que é o que acontece com tablet, com as cenas, por exemplo, de desenho, uma cena após a outra, uma quantidade imensa de cenas, aquilo é tanta informação que a atenção precisa toda hora ficar focando e desfocando. Ela fica confusa e acaba deixando entrar qualquer coisa.

Entra qualquer coisa porque é como se o porteiro ficasse tonto: “Nem sei de onde vem a coisa”. Entra coisa que não tinha que entrar; fica do lado de fora coisa que tinha que ter entrado e não entrou. Essa avalanche de informações deixa o porteiro da memória, que é a atenção, muito confuso. Daí vem essa quantidade de crianças com diagnóstico de déficit de atenção e hiperatividade, por causa disso.

A informação acaba consumindo a nossa atenção, porque nós precisamos ficar atentos à muitas coisas, e nós acabamos não conseguindo identificar o que é relevante ou não. Então, nós ficamos, no final das contas, distraído, porque a atenção foca e desfoca, e nós não conseguimos, depois, saber, de fato, o que é importante colocarmos para dentro, e o que é importante nós deixarmos para fora.

Desenvolver esse hábito de estar atento é muito importante. As telas, as motivações exteriores e a avalanche de informações atrapalham muito a nossa atenção; não só das crianças: dos adolescentes, adultos, qualquer um.

Essa questão de eu estava falando com vocês do mito do período crítico. O outro mito que é justamente o mito da multitarefa. Ou seja, uma criança que nasceu na era digital, será que, de fato, ela é capaz de fazer mais coisas do que nós? Nós falamos: “Nossa, o meu filho é capaz de fazer várias coisas ao mesmo tempo. São vários aplicativos abertos ao mesmo tempo!”.

Isso é um mito que é muito atraente, porque é um mito que nos faz acreditar na maior produtividade, maior aproveitamento do tempo. Mas, na verdade, isso é um mito que é totalmente absurdo. Já se foi visto que não é assim.

Por que não é assim? É possível nós fazermos mais de uma atividade que requeira um processamento de informação ao mesmo tempo? Não é possível. É impossível que nós as façamos em sequência; mas não simultaneamente, justamente por isso: porque nós precisamos, para fazermos uma coisa que necessite o nosso processamento das informações, nós precisamos da nossa atenção. Então, nós precisamos estar o tempo todo oscilando a nossa atenção.

Nós não conseguimos escrever no celular, ver uma mensagem no e-mail, e dar atenção para o nosso filho ao mesmo tempo. Nós não conseguimos ouvir uma música, assistir um filme e fazer dever de casa ao mesmo tempo. Não dá para fazer tudo ao mesmo tempo, porque exige um processamento dessa informação.

A nossa atenção fica oscilando o tempo todo. Eu preciso foco e desfoco; foco aqui e foco ali; foco ali e foco aqui. E aí cada vez que ela faz esse movimento de foco e desfoco, ela perde uma coisa importante, e ela tem que, depois, recolocar essa coisa em sequência, de novo, para que ela consiga entender o todo.

As pessoas, as crianças, que são, teoricamente, multitarefas, na verdade, elas têm uma memória de curto prazo muito ruim, embora nós pudéssemos achar diferente. A capacidade de focar e desfocar delas, embora pudesse parecer maior, é menor, porque eles não conseguem ter essa capacidade, e não tem uma capacidade de filtrar a informação necessária porque tudo parece uma avalanche de informação: “Será que isso é importante ou não é?”.

Eu não sei mais porquê, a sequência já não está mais dada, porque eu tive que desfocar em uma hora que eu não sabia que era para desfocar ou não. A atenção fica dispersa; ela não sabe mais: é relevante ou não é. E aí o processamento das informações fica confuso. Essa ideia de que a criança consegue fazer várias coisas ao mesmo tempo tendo um bom aproveitamento é absurda.

Há um custo cognitivo na multitarefa. Os nossos filhos estarem fazendo várias coisas ao mesmo tempo e no celular - enquanto está lá falando com o médico e está lá no celular - isso tudo traz um problema cognitivo para a criança.

As crianças e os adultos que ficam fazendo essas multitarefas passam a ser superficiais, porque elas não conseguem aprofundar, porque a memória fica pobre, na verdade. Ela coloca para dentro coisa que ela não tinha que colocar, e deixa do lado de fora coisa que ela tinha que ter colocado para dentro.

Nós já falamos um pouco da importância de viver na vida real, da importância do vínculo do cuidador com a criança, de nós conseguirmos estar atentos às realidades da vida, como é importante para a leitura de um livro, para a narração da própria vida; se nós

conseguimos observar as coisas como elas são com detalhe. Nós conseguimos contar a nossa própria história.

A brincadeira, não através de jogos eletrônicos, de tela, mas a real, é a atividade através da qual as crianças aprendem a ter uma narrativa, a contar as coisas com início, meio e fim; a olhar para a realidade da maneira como elas conseguem absorver a realidade com a idade que elas tem e com as faculdades humanas que estão funcionando (que não estão todas funcionando perfeitamente numa criança pequena).

A brincadeira é a atividade através da qual a criança experimenta o mundo; ela experimenta uma sequência de fato, e que, para ela e para os amigos, ela vai narrando. Você vê crianças brincando e fala: “Agora finge que...”, “Depois que nós fingirmos, todas as crianças fingem juntas”, “Agora nós juntamos. Agora finge que essa luz, na verdade, é uma luz que bloqueia os nossos movimentos”. E a criança vai criando situações que fazem uma sequência de fatos.

Esses fatos tem uma relação de causa e efeito. As crianças imaginam sensações, personagens, sentimentos de derrota, de vitória. Elas treinam contar essa história. Esse treino narrativo é muito importante para quando nós formos adultos sabermos contar a nossa história. E contar a nossa história é o próprio da substância humana.

Nós, enquanto seres humanos, tudo em nós vai mudando; nossa história vai mudando, se atualizando. E contar a nossa história como, de fato, ela é, é uma habilidade importante para nós termos uma identidade bibliográfica.

A brincadeira tem um papel muito importante. Para as crianças que não têm acesso à brincadeira, porque elas estão expostas à televisão, tablet, por exemplo, não importa nós ficarmos: “Puxa vida, a sociedade americana de pediatria diz que as crianças podem ter acesso até duas horas por dia em determinada idade”. Eu acho, sinceramente, irrelevante nós pensarmos em quanto tempo é possível, porque nós temos que pensar em termos o contrário: o quanto o meu filho está perdendo de experiência real e vivida, que vai trazer tanta substância para a vida dele, se ele tiver acesso às telas?

O acesso às telas no desenvolvimento da personalidade infantil, da infância, tira dela elementos muito importantes para que ela construa uma série de coisas na vida dela. A brincadeira, brincar de amarelinha, de faz de conta, isso tudo é muito importante por isso tudo que eu estou falando: a criança experimenta os próprios limites, aprende a lidar com as suas frustrações. Surgem, nas brincadeiras, dúvidas que ela, talvez, não tivesse pensado: “Por que será que é assim? Por que não poderia ser o contrário?”. E ela começa a se questionar.

Por que, muitas vezes, a criança está brincando e está em silêncio? Na hora que ela está em silêncio, mas ela está pensando naquela realidade. E depois ela vai voltar, se voltar para esse cuidador que ela confia, e vai perguntar a ele. E ele vai fazer essa mediação, ou essa interface entre a realidade e a criança. Ela vai conseguir aprender a esperar a sua vez; se ela tem o contato com a natureza, por exemplo, com uma mãe que está grávida, ela vai conseguir viver a experiência de que é necessário esperar um tempo para que coisas importantes aconteçam.

É necessário esperar que um ser humano nasça 9 meses: “A barriga da minha mãe vai crescendo”. E aí, no fim, nasce uma vida. Educar os nossos filhos para que eles vivam distraídos no mundo é absurdo. Às vezes, o pessoal me pergunta: “O que você acha? Eu vou ter um filho,

e eu acho que vou colocar o meu mais velho na escola, porque coitado, né? Ele vai estar aqui comigo e com esse bebê novo, e eu vou estar toda enrolada”.

Meu Deus do céu, você está tirando dele uma chance de ouro, que é estar vivendo uma realidade que ele talvez não tenha outra chance de viver, que é a realidade de uma vida chegar em uma casa; um bebezinho que exige cuidado, e ele ver o quanto esse cuidado é exigido: “O quanto a minha precisa se doar para que aquela criança continue existindo, para que ela seja alimentada, para que ela durma”; “O quanto a minha mãe não fez isso comigo, o quanto minha mãe não me ama”; “Olha o quanto ela se doa para essa criança, ela fez o mesmo comigo”; “O quanto eu posso ajudar a minha mãe nessa realidade”.

Tirar uma criança dessa realidade eu acho absurdo. É uma grande chance de ela viver como a vida é; ela vai precisar esperar, ter frustrações, se sentir, muitas vezes, que ela gostaria de ter uma atenção, mas ela não tem: “Minha mãe está tentando se desdobrar em muitos. Eu não vou ter a atenção da minha mãe, mas eu posso dar amor ao meu irmão”.

Nossa! E nós tiramos isso dos nossos filhos! Nós colocamos eles em frente à televisão para que eu tenha mais tempo de fazer as coisas. Nós estamos tirando uma grande chance do nosso filho de viver a realidade. A capacidade da criança tem de olhar uma lagarta se transformando numa borboleta, um girino num sapo; escolher uma árvore com a criança, e ajudar que ela observe essa árvore se transformando à medida que as estações do ano vão passando; deixar a criança pegar chuva.

Nós criamos os nossos filhos com medo de tudo: medo de ficar resfriado. Meu Deus, mas que absurdo! Nós colocamos a criança brincando com um brinquedinho: “Mas ele vai se machucar, porque a caneta...”. É tanta coisa na nossa cabeça de desgraça que pode acontecer que nós deixamos os nossos filhos com medo de viver a realidade das coisas.

E, depois, eles não são capazes de falar, de ter empatia. Nós colocamos eles numa tela e pronto, deixa lá, para eles não me causarem problemas, aborrecimento, porque, se não, eles ficam toda hora falando comigo e eu tenho muitas coisas a fazer; tenho trabalho. Quando nós olhamos para as coisas dessa maneira, na minha cabeça eu penso: “Não tem porquê eu ficar pensando: ‘Será que o estudo tal diz que o meu filho vai ter déficit de atenção, não sei o quê’”.

É tipo colocar nas telas e ver o quanto ele perde. Entende? Colocar nas telas não deveria sequer ser uma possibilidade para uma criança pequena. Nós temos que tirar muitas vezes da nossa cabeça: não é uma possibilidade. Se é uma possibilidade, já era; nós vamos recorrer a ela, porque nós vamos ter uma série de motivos para recorrer a isso.

Nós podemos avaliar o quanto os nossos filhos estão dependentes desses estímulos externos quando eles estão sem televisão e eles ficam entendidos, ansiosos, hiperativos, porque a realidade deixa eles ansiosos; porque a realidade é sem graça, não está toda hora informando para ele coisas o tempo todo.; não está fazendo com que eles liberem dopamina o tempo todo. Ou eles conseguem se divertir sozinhos, tranquilos, imaginando suas brincadeiras, sem precisar, toda hora: “Me estimulem, façam alguma coisa comigo”, “Porque se eu não fizer isso com o meu filho, coitado, meu filho fica subindo pelas paredes”.

Quantas pessoas falam: “Nossa, se eu não sair de casa com o meu filho, ele sobe pelas paredes!”. É claro que uma criança confinada num apartamento obviamente vai ficar um pouco irritada. Mas se você tem um equilíbrio ali, vai, brinca, está do lado de fora, volta para casa, não tem porque isso acontecer. Isso é a vida como ela é.

“Mas puxa vida, coitado, eu tive um bebê pequeno. E agora o meu filho vai ficar confinado nessa casa”. Eu não consigo olhar “coitado” nessas coisas, porque essa é a vida que está para ele agora. Acabou de nascer um bebê. E nós precisamos ajudar, de fato, a ser essa interface, assim: “Como você vai agir agora, no mundo?”.

“Ah, Samia, mas uma criança de 1 ano, 10 meses...”. Ela é totalmente capaz de entender”. Tudo depende da maneira como você passa as coisas para a criança, e como você espera que ela aja. Eu fiz um post lá no Facebook falando isso, que diz Platão: “O objetivo da educação é ensinar a desejar o desejável”.

O que é desejável? O belo, o bom e o verdadeiro. É conseguir, de fato, ajudar que os nossos filhos virem o olhinho para essas coisas: “Isso é belo, bom, verdadeiro”. Elas têm uma inclinação natural para isso. Com o nosso desejo de funcionalidade, que sejam gênios, e que tenham estímulos, que sejam maravilhosos, pessoas super inteligentes, experts de Harvard, fala inglês, francês e não sei o que lá, nós acabamos matando nelas essa admiração e esse desejo do conhecimento, de descobrir a realidade, tudo que a realidade pode mostrar a elas.

E aí nós começamos a ter crianças que não se interessam por estudar, pelos outros. Você vê crianças que ficam no celular, e aí o pai chega em casa e a criança é incapaz de deixar o celular e ir lá dar um beijo no pai. Depois, nós não entendemos porque que ficam adultos assim. Não tem empatia nenhuma, não se importam com o outro, não conseguem olhar um rosto que tem muita coisa a informar a ela, porque nada disso importa; porque ela está com os sentidos totalmente saturados com essa quantidade de estímulos um após o outro, rapidamente.

Daí nós conseguimos entender a relação entre esses conteúdos rápidos, a falta de atenção, a dificuldade de adiar uma gratificação. Eu estava olhando no feed do Instagram, coisa que eu faço pouco, e era um vídeo: ela era mãe de uma menininha com síndrome de Down e uma outra mais velha, e ela falava: “Vamos fazer um teste”. Aí pegava a menininha, colocava um biscoito de polvilho na frente dela. A menininha devia ter uns 3, 4 anos. E falava assim: “Vou no banheiro. Quando voltar, você pode comer”.

E aí a menininha simplesmente pega aquilo e vai comendo todo o biscoito. Ela come um, bota lá. Daqui a pouco, ela come de novo. Primeiro que eu achei uma experiência totalmente absurda. Eu falo: “Gente, como é que uma mãe consegue fazer esse negócio com uma criança?”. Você exige uma coisa que ela não é capaz de dar.

Isso não deveria nem passar simplesmente você filmar para ver o que está acontecendo. É muito absurdo. Mas as crianças tem pouca capacidade de fazer isso, de evitar algo. Claro, a situação é absurda, porque a criança tinha síndrome de Down. Mãe doida. A capacidade da criança que tem de esperar uma coisa: eu contei isso para vocês na aula de obediência, em que meu sogro falava para as crianças: “Coma um açaí delicioso”, e eles não podiam comer porque estava na hora do jantar, e eles ficavam: “Não vô, não sei o quê. Não, obrigado”.

“Tem certeza?”, e ele comia o açaí na frente das crianças. E ele falou para mim: “Eu fiquei impressionado com a capacidade deles de dizer não frente a uma coisa que eles adoram, que é tomar um açaí”. É claro que também é outra situação absurda, mas que mostra o quanto eles estão conseguindo entender que há bens maiores do que o que está na cara deles.

Era um avô, que era uma pessoa que eles amam, que estava dando uma coisa para eles que eles gostam. Mas eles sabiam: “Não. A minha mãe está acima do meu avô, e o jantar é um bem maior (é claro, eles são crianças). Então, eu não vou fazer”.

Educar os nossos filhos dessa maneira é maravilhoso, porque nós não vamos estar ao lado deles o tempo inteiro dizendo o que eles vão ficar fazendo. Nós precisamos educar para que eles consigam ter essa capacidade de dizer: “Isso sim!”, “Isso não”.

As telas, sem que a criança seja educada na temperança, ou seja, você vai numa festa de aniversário e fala para uma criança que ela não vai comer todas as balas do potinho, que ela vai comer uma só; em que ela não vai poder fazer determinada coisa. Ela vai ter que esperar o horário dela de falar, por exemplo. Educar na temperança, ou seja, educar modulando o que ela pode ou não fazer, se é hora ou não de comer o chocolate, expor às telas sem que a criança tem a educação na temperança é pedir para que o porteiro fique confuso.

Quem dita as regras ali na hora da exposição às telas é as telas, e não a criança, porque nós largamos a criança lá e vamos fazer outra coisa. O filtro está totalmente doido: entra qualquer coisa ali sem modulação nenhuma; tira a criança da realidade das coisas.

Fiz uma analogia que pode ajudar um pouco. Nós deixarmos os nossos filhos terem acesso às telas sem uma mediação, sem que eles tenham material humano offline para permitir que eles decidam o que vai ou não entrar, como eles vão procurar as coisas na internet, como eles vão modular essas coisas que vão entrar a partir daqueles estímulos é como nós largarmos os nossos filhos numa selva, sem que eles saibam quem são os animais perigosos, onde fica o norte; sem que eles saibam como é que eles se localizam através das estrelas, do sol; sem que eles saibam que tipo de coisa eles podem comer, que eles precisam evitar.

Mesmo que eles não saibam isso, também seria expor os nossos filhos a uma selva sem ter alguém experiente do lado que faça essas orientações perante uma selva perigosa. Eu sou super ultra mega contra o uso das telas.

“Mas, Samia, puxa vida, será que não pode ter uma coisa boa?”. Outro dia me perguntaram: “Poxa, o meu avô mora longe, a avó mora longe. Será que ela não pode usar o computador para falar com a avó?”. Gente, isso não é uso de telas, pelo amor de Deus: é um ser humano que está do outro lado, e ela está conversando com outro ser humano. Isso não é um problema.

Os meus filhos, por exemplo, fazem inglês com uma professora online. Mas ele tem um relacionamento com uma outra pessoa do outro lado. Quando eu falo, de telas, estou falando de filmes, cenas rápidas, jogos, videogames. É disso que eu estou falando.

Uma outra coisa que as pessoas pensam: “Mas puxa vida, todos os amigos do meu filho têm”. Realmente, o seu critério educacional ser “todos os filhos dos meus amigos tem” é uma coisa que você não quer que ele faça na hora que ele fala: “Mãe, posso ir na festa tal?”, e você fala: “Meu filho, não!”. Aí ele fala: “Mãe, mas todo mundo vai”, aí você fala: “É, mas você não é todo mundo”. Pois é. Por um lado, não é todo mundo para ir na festa, mas para ter celular tem que ser igual todo mundo. Sinceramente, na minha cabeça, não dá para entender a lógica.

Não é todo mundo que tem o celular. É só você explicar para a criança que não é para ter. Os meus filhos, é óbvio que veem outras crianças usando o celular. Mas eles sabem que

não podem usar o celular. Eu falo para eles porque não podem usar o celular. Então eles não querem usar o celular. Eles acham que é ruim mesmo. Eles confiam em mim; voltamos à questão do vínculo afetivo. E de você criar ao seu redor outras famílias que pensem como você, para que eles não sejam ETs.

De fato, se todo mundo faz um negócio, eles não sabem exatamente, não têm outras opções para se colocar no lugar, e eles simplesmente só ficam com um “não”, é meio complicado. Mas se você dá outras opções para a criança quando você tira as telas, você precisa ser esse mediador de fato. Você vai ter que mediar, muitas vezes, desavença entre os irmãos, frustrações, choro; muitas coisas que não acontecem na hora que a criança está lá assistindo televisão sem nenhum tipo de interação humana.